

Maria Aparecida Pinto

Liberdade ou Escravidão





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | Reitora

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | Vice-Reitora



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | Diretor

Conselho Editorial

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Jordeana Davi Pereira (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

Maria Aparecida Pinto

LIBERDADE OU ESCRAVIDÃO



Campina Grande - PB
2021

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidival Morais de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes | *Design Gráfico e Editoração*
Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*
Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*
Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*
Danielle Correia Gomes | *Divulgação*
Gilberto S. Gomes | *Divulgação*
Efigênio Moura | *Comunicação*
Walter Wasconcelos | *Assessoria Técnica*

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

P6631 Pinto, Maria Aparecida
Liberdade e escravidão. [Livro eletrônico]./ Maria
Aparecida Pinto. - Campina Grande: Latus, 2021.
1500 kb; 84 p.

ISBN 978-65-994892-2-8 (E-book)
978-65-994892-3-5 (Impresso)

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Poesia brasileira. I. Título
21. ed. CDD B869.91

Ficha catalográfica elaborada por
Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB
CEP 58429-500 | Fone (83) 3315-3381
e-mail: eduepb@setor.uepb.edu.br | <http://eduepb.uepb.edu.br>

Agradecimentos

A Arte de escrever os próprios sentimentos é uma virtude a qual transforma o silêncio das letras e palavras em belas e quase indefiníveis histórias literárias, somente compreendidas pelos que bem sabem desvendar segredos d'alma.

Assim sendo, faço da literatura um sacrário de lembranças escritas que comungam com a realidade da vida, enigmático retrato de melancolias, euforias, ansiedades, esperanças, encantos, dúvidas, desejos e saudades.

Perfil na imensa estrada do tempo que me limita ao tempo e o presente já me é antecipado futuro.

Perante tantos sonhos desfeitos, surge como ave de fênix a realização de um ideal: Liberdade ou Escravidão, livro editado pela Universidade Estadual da Paraíba mediante o apoio cultural das reluzentes pessoas:

Reitora: Célia Regina Diniz;

Diretor da Editora EDUEPB: Cidoval Moraes;

Secretária da EDUEPB: Danielle Correia Gomes;

Escritora e revisora da EDUEPB: Elizete Amaral de Medeiros;

Maria José Nobrega;

José Cristóvão de Andrade;

Joseilda Diniz;

Alfrânio Gomes de Brito;

E as minhas mestras-amigas: Elizabeth Marinheiro e Eneida Agra Maracajá.

A minha gratidão como fortaleza de que existo e meu apreço a todos que comungam com os meus objetivos literários.

Aparecida Pinto

Autora.

Prefácio

Professora, educadora e pesquisadora, Maria Aparecida Pinto pediu-me uma opinião sobre o seu 3º livro intitulado *Liberdade ou Escravidão*, este em sua 1ª edição. O livro é ótimo, escrito por uma intelectual de “inteligência rara e incompreendida”, conforme o que escreveu a poetisa Socorro Ramos na 2ª obra *POEMAS DIFERENTES: DIFERENTES POEMAS*. Sendo assim, Aparecida Pinto se torna literariamente singular.

Poetisa e escritora de grande verve, a autora, em seu livro, deleita-se em sua obscuridade transladada de tristeza, solidão, carências e decepções... Por isso, *Liberdade ou Escravidão* é uma viagem ao seu próprio “eu”.

Acredito, obviamente, dentro das nossas limitações como estudiosos e críticos literários, que uma obra profunda como *Liberdade ou Escravidão*, que outra poderá sobrepujar sua grandeza de conteúdos? Obviamente, só poderá soerguer-se da mesma “massa encefálica” que concatena a ideia central do imperecível livro *Liberdade ou Escravidão*.

Parabenizo-a por aproximar-se tão profundamente de grandes, imortais e memoráveis escritores da nossa literatura. A escritora Maria Aparecida Pinto, em um mundo irreal e fruto da sua subjetividade, vislumbra tão somente a sua percepção de mundo.

Assim sendo, a nossa notável escritora em seu livro intitulado *Liberdade ou Escravidão dá vazão* aos seus pensamentos em instantes memoráveis de sua existência.

Prof^a. Rose Lima Leão
Mestra em Literatura Brasileira
Pós-graduada em Língua Espanhola,
Supervisão e Orientação Escolar
Graduada em Língua Vernácula.

Tributo a Maria Aparecida Pinto

Sou um peregrino sem rota
um tolo entre os sábios
um átomo entre moléculas
um pigmeu entre a multidão
uma letra atrás de palavras
um cérebro humilde atrás de evolução
uma vida entre muitas existências
um significado em busca de significados
uma imaginação atrás de imagens
sou o nada entre o tudo
a vida entre a morte
o pranto entre a metamorfose
sou a minha realidade tomada
pela incoerência do tempo.

Moacir Inácio Mendes

Sumário

Agradecimentos,	5
Prefácio,	7
Tributo a Maria Aparecida Pinto,	9
Apresentação,	13
Introdução,	14
Identidade,	15
Íntima Anatomia,	16
Inutilidade,	17
Imagem,	18
Isocronismo,	19
Enigma,	20
Infelicidade,	21
Invalidez,	22
Intermitente,	23
Marasmódico,	24
Mamparreações,	25
Indiferença,	26
In Memoriam,	27
Microbiologia Social,	28
Mesmice,	29
Irascível,	30
Mediocridade,	31
Meândrico,	32
Imortalidade,	33
Insignificância,	34

Metapsíquica, 35
Visão, 36
Miscibilidade, 37
Niilismo, 38
Míope desejo, 39
Morte, 40
Futuro-Passado, 41
Irreverência, 42
Vulgaridade, 43
Adeus, 44
Embriaguez, 45
Mutilação, 46
Contradição, 47
Devaneio, 48
Ânsia, 49
Invisibilidade, 50
Intimidade , 51
Distância, 52
Desilusão, 53
Silêncio, 54
Anseio, 55
Real visão, 56
Pretérito-Futuro, 57
Segredo, 58
Falecimento, 59
Êxtase, 60
Fatalidade , 61
Feto, 62

Destruição, 63
Cadavérica Visão, 64
Deserto, 65
Metafísica, 66
Ilusão, 67
Lógica, 68
Inexorabilidade, 69
Imaginação, 70
Registro, 71
Eternidade, 72
Angústia, 73
Vã Império, 74
Espelho, 75
Sacrário, 76
Inconsequência, 77
Gênesis, 78
Miserabilidade, 79
Metamorfose, 80
Identificação, 81
Retrato, 82
Realidade, 83
Inconsequência, 84

Apresentação

Aprisiono-me ao niilismo, sem preconceituar a ignorância dos filósofos que nunca me ensinaram a ser sábia, sem a humilde prepotência de saber julgar defeitos, excluindo a lógica de que erros humanos são consequências de atitudes virtuosas.

A minha genialidade é sombra dos meus fracassos prematuros. Nas páginas seguintes, a história das inverdades que pensei, calúnias, mentiras e obscenidade das verdades que acreditei, um embrião adulto foi gerado em um ventre de derrotas que as palavras relatam para este cotidiano tão infecundo.

Repugno a todos os maníacos intelectuais e analfabetas críticas literárias, especialmente, a inteligência vegetativa dos diplomados-ambição-formal de status e megalomania social, que envergonham até os irracionais.

Através do silêncio das letras sou sã cadáver, independente de vãos estudos e medíocres julgamentos.

Aparecida Pinto

Autora



Introdução

O ser humano é escravo da própria liberdade, eis a razão pela qual este livro é uma forma simples do nada.

Não me subalterno a elogios ou condenações literárias constituídas por gênios, sábios ou cientistas que, um dia, igualar-se-ão a mim sob o efeito da ignorância e morte.

Aparecida Pinto

Autora



Identidade

A humanidade sou eu.

Nasci em uma noite ou dia, vítima de volúpias infecundamente naturais.

A lama, que me revestiu em pecado, foi o sangue de um parto prostituído por mãos selvagens de racionais e hoje minha vida é um abandono na forma simples do nada.

Desta sociedade, mendiguei humanismo e apenas recebi migalhas de injustiça e corrupção moral que não metabolizei. Olho-me refletida na imagem dos meus desencantos, nego-me sobrevivência, após assassinares minhas ilusões, adquiri formato-tecnocrata perante a tecnologia-ferrugem da prepotente onipotência.

A minha hereditariedade é a lógica do inconsciente, pertença à árvore genealógica de vermes humanos como se fosse nobre-micróbio-infantil.

Na metamorfose do tempo, transformei-me em vírus adulto, mas não destruí das camadas sociais a acefalia de status e alucinações burguesas.



Íntima Anatomia

A qual estudo pertence o meu corpo angustiante?

Ouvi gemidos-inconformados e gritos-dolorosos que ainda ecoam no silêncio-desprezo da mediocridade de alguém que louva o amor.

No cosmos desvanecível das desilusões, vi a pálida face morte saudando as cátedras metálicas do meu excêntrico-metapsiquismo, forma irreversível das minhas lágrimas internas e alegrias ilusórias.

Crer em mim para que?!

As virtudes desvaneceram-se em defeitos, e a benevolência já é sinônimo de maldade humana.



Inutilidade

É-me alucinante crer que existe eternidade, e assim, mitologicamente, traio a minha própria utopia.

Nesta fétida terra em que piso, micróbios corroem as cicatrizes dos meus passos.

Sou a chaga de um germe errante, subterfugiando-se nas impurezas deste negro universo cuja única beleza é a prepotência de maravilhas fúteis.



Imagem

*A silhueta de um passado triste assassinou minha felicidade.
Como uma pluma que flutua no imenso-espaço-vácuo-vida,
inexisto diante de sim(s)-derrota(s)-reflexo(s) adverbial(ais)
de tanto não.*

Cego é este mundo que me iluminou ao nascer.

*Memorizo-me perante a morte da minha existência e o
tempo neutralizou-me na ausência de viver.*

*A síntese de tudo foi-me resumo do nada e silencieei meu
pranto quando vi uma procissão de crápulas inutilizar o meu
humanismo com salmos microbianos e orações verminosas.*



Isocronismo

A terra-germe estava engravidada.

Nasci e ela sentiu aborto-ocasional de um vírus.

O meu corpo de efêmeras flores se revestiu então, mentes-menstruais batizaram-me de parasita humano.

Há na face deste paráltico universo minha lágrima-inconstante que se petrificou no amor, essência virtuosa dos lamaçais.



Enigma

Sou a *desilusão de uma criança em uma mentalidade adulta.*
Na *utopia de um sonho, vi a real imagem do meu pretérito*
-presente no universo das minhas imaginações.

Lágrimas coloridas retratavam o meu rosto e me olhei na
lembrança da própria ausência.

Retrai de mim saudade em desespero nostálgico e bebi,
na taça desta solidão devassa, o vinho infame do desprezo
humano.



Infelicidade

A minha vida assassina-me neste cotidiano estacionário.
Sei-ser-sombra na silhueta-sórdida deste inútil agora.
A essência da razão-viver é permanecer na existência do nada.
A própria sobrevivência, pouco a pouco, suicida-se com tanto jamais.
Meus pulmões, vagorosamente, expelem poluído ar-microbiano.
Ainda respiro?! É-me em vão saber que de mim resta apenas a ilusão cadavérica do que sou: sozinha!



Invalidade

No laboratório metapsíquico das minhas reflexões, analiso sombras desorganizadas das moléculas-físicas de cada átomo.

Olho-me em uma corrente de veias e artérias sanguíneas, mas não percebo a minha desconhecida hereditariedade.

Há, nas lentes microscópicas da existência, partículas de alucinações-volúveis reluzindo como se fossem meteoritos percorrendo misterioso cosmos da ignorância.

Não quero renascer-me em observações, a minha visão é a síntese de tudo no resumo do nada.



Intermitente

Detenho no meu ego a compreensão de mim mesma, substantivando-a na consciência-adjetivar de forma-singular-pronominal do mero ser-espécie, caráter-mitológico de minha íntima-abstração-exclamativa a esta terra-concreto que me esculpiu germinosamente, estátua-ínfima de lótus-vírus.

Nunca reencontrarei as minhas idades-cronologicamente-infantis, o meu hoje-presente é antecedência-amnésia de um futuro-incerto.

Vejo o meu corpo acompanhado pelo funeral da minha vida e neste agora sou a ressurreição do meu nascimento na constituição genética do nada.



Marasmódico

Fetos-fatos envelheceram meus sofrimentos.

A solidão-fantasma retrocede-me ao sentir-túmulo-desencanto.

Permiti que o palhaço de gerações adormecesse entre gargalhadas das minhas plateias inimigas.

Sorri com alegria do martírio de uma lágrima triste.

Ninguém nunca chorou a minha própria angústia e amo a glória do ódio humano.

Fracassos-vitórias-ilusórias revestem-me com indumentárias luxuosas e fúnebres, escuridão-heroica perante enigmática destruição.



Mamparreações

Eu me encontro com minha própria sombra.
Fragmentos do meu ser se recompõem nas moléculas ativas
do nada.
Qual a vida que destruiu a minha vida?
Para que saudade retratando tétricas lembranças?
A minha sobrevivência tornou-se inerte quando me deparei
perante o espelho-morte.
Ceguei, totalmente, não me vejo e sei que estou
neste-mundo-agora.
Não ouço o grito do meu silêncio.
Dialoguei com a palidez do meu rosto e me sequei na soli-
dão da minha vã existência.



Indiferença

Um ponto final no parágrafo histórico da minha vida.
A canção silenciar das noites e madrugadas acalenta prantos-encarcerados das minhas lágrimas-metálicas.
No presente, o calendário antecipou a data de um dia que já é passado.
Lamentos inúteis petrificaram-se no consciente-ego-racional-ser-espécie do meu existir.
Nada me é normal porque até a natureza é uma anormalidade de Deus.



In Memoriam

Centralizei-me na lógica especial do tempo.

Entre farelos, vi porcos saciando-se com alimentos humanos
esponjaram-se em grande lamaçal cefálico, satisfeitos e cansados
adormeceram no fétido lugar onde em putrefação está o amor.

Trevas clareiam a escuridão de sentimentos.

Em diferente universo existi para morrer e faleci para viver.



Microbiologia Social

Inseticida cósmica que asfixia a poluição metafísica de uma fumaça - negra débil a chaminé - origem.

Esquelética-cor-viso, há nas paredes-barro da minha mente-ilusória.

Inseto sob a claridade artificial centrípeta da lâmpada determinada.

A energia à humanização consome-se em imperceptíveis ações de um ser- organismo-biológico chamado homem que se divide nas deturpações sexo- genéticas.

Situo-me na estância de um micro-grupo-patológico-celular.

Entre germes-inazulados a corte-burguesa-tradição, afirmo que sou inexistência refortalecendo a vida - molécula do nada, explodindo em todas as diretrizes da terra as cicatrizes lótus da cefálica - consciência do que sou, um ponto visível ou não na indeterminação de espaços bombardeantes.

Há no infinito-finito, meteoritos que ofuscam a luminosidade da minha vitória como sobrevivente.

É fim do firmamento em mim, quando a própria ideia reflete dos meus pensamentos a descoberta de que o meu ego inaceita o nunca para condicionar-me ao jamais; recusa o não e digo-me em silêncio que sempre serei a contrariedade do sim.



Mesmice

Eis que me senti alegre com minha desconexa sombra.
No carnaval de trevas multicoloridas, a fantasia da felicidade
reluzia na escuridão do nada.
Fui carnavalesca em instantes de ilusões e o silêncio orques-
trou a triste canção do adeus.
O passado, não o fiz luz como o agora é-me indefinível.
No hoje, sou quarta-feira de cinzas sem lembranças de ser-
pentinas ou confetes de um imaginado amanhã.



Irascível

Sou uma sagrada bíblia.

Pequei porque nunca singularizei o verbo amar.

O silêncio das minhas reflexões em folhas de papéis rabisca-
dos compõe a minha história.

Sacramentei os meus sentimentos na felicidade de que Deus
a tem.

Batizaram-me ninguém.

A vida é um embrião na geração - feto com início de um fim.

Inutilmente respiro o oxigênio de viver.

O sim sempre se reveste com o não.

Sinto-me provérbios sem palavras, buscando no ontem um
duvidoso amanhã.

Não me leio.

Verbalizo que a solidão é a paz dos infelizes.



Mediocridade

A desilusão é-me segurança de mais um tormento.
Malditos sentimentos abençoaram a vulgaridade do meu
ego, porque um dia amei.
Renego benevolência.
Sem fuga retorno do abrigo da minha solidão.
Fui início de um fim na brevidade do ontem.
Hoje sou instante de um futuro na angústia de um adeus.



Meândrico

Que se calem as vozes dos sábios.

O tumulto dos fatos mesclou com ignorância a sepultura da inteligência humana.

Um sofrimento acenou para fragilidade de uma lágrima.

A alegria da vida é sofrer.

No universo, há espaço - proposital de crápulas que me descrevem como personagem vã no cenário teatral deste meu destino infame.

As ilusões me enganaram.

A sensatez dos meus atos fez-me verme em busca inútil da humanidade.



Imortalidade

Antecipado futuro é a culpa dos meus erros, retirou do meu rosto a máscara da felicidade.

O tempo me limita ao tempo.

E, na invisibilidade deste agora, sou apenas ninguém.



Insignificância

No deserto desta noite, beijo-me a boca.
Abraço-me na solidão sensual de mim mesma.
Vivo para um além indefinível.
Indiferente morro neste hoje de anseios.
Na sepultura deste agora, carícias ilusórias são-me silêncio terno.
Meu corpo reluz na abstração do nada.
Renascer-me como mistério sempre será a desilusão de acreditar em Deus.
A sublimidade-humana é invisível-indivisibilidade do ódio-eterno.
A sabedoria-racional é científica-ignorância do éter-onipotente.
No concretismo do meu próprio sexo,
Há a consciência misteriosa de várias gerações.



Metapsíquica

*Dois corpos em silêncio esculpiram, na sensualidade de suas
abraços, carinhos de um erotismo - exótico.*

*Retrocederam-se para fatos-estáticos origem de refletidos
atos.*

*Com sensatez de anseios houve renovação dos sexos - desejos.
Na inconsciência-lógica de cada beijo, um juramento acari-
ciante a um sentimento que almejo tê-lo.*

*E em profundo suspiro a mim mesma, o encanto de um
êxtase que não conheço.*



Visão

Olhos me veem e na racionalidade sem sentimentos, batizaram-me ninguém.

Será em vão reencontrar-me nas minhas virtudes que se transformaram num ego inexistente.

A vida é um embrião na geração de um feto com início de um fim.

Inertemente, ainda mesmo triste para a humanidade respiro sem saber o oxigênio de viver.



Miscibilidade

Estou buscando no multicolorido de fantasias o colorido das inverdades do que eu não sou: infame.

Adeus carnaval de plumas desvanecidas, uma triste palavra no futuro, será lágrima do meu silêncio que é a minha verdade incompreendida.



Nilismo

Há na tua verdade dita
o canto de uma
mentira escrita
tu calaste e tuas
palavras me desprezaram.
A voz do silêncio
tornou-se canção
da tua fuga sem adeus.
Olho-me na minha própria sombra
E vejo-me morta em
encantos que foram meus.



Míope desejo

Tu me vês e não me olhas.
Jamais te abraçarei na indecisão
de tanto sim.
Somos dois corpos, mas
não quero o orgasmo do teu corpo.
Almejo é o êxtase dos teus sentimentos.



Morte

Vi a minha sombra
Fragmentar-se nos meus desencantos.
A minha vida se divide na
multiplicação de derrotas.
Creio em mim para melhor
Não acreditar em ti.



Futuro-Passado

*A minha saudade se dilui em desilusões.
E tu que me eras verdade te desvaneceste
na escuridão de vãs mentiras
O ontem não é a base do amanhã
Lembra-te que enquanto um gigante
sorrir um pigmeu poderá chorar, mas
um dia o mesmo pigmeu poderá sorrir e
o mesmo gigante poderá chorar.*



Irreverência

Sou-me bíblia e tu não me lê.
Pequei porque singularizei o verbo amar.
Sou o silêncio das letras em folhas
de papéis rabiscados por minha
própria história.
Quero a felicidade que Deus a tem.
Na invisibilidade da sobrevivência,
sacramentei os meus sentimentos.
Existindo é não mais querer o destino
de ser infeliz.



Vulgaridade

Não me confessas os teus segredos e
eu na *infantilidade* de almejar carinhos,
busquei em ti a *essência da felicidade*,
hoje sinto a *angústia de entre enganos*
e *traição*, sempre ser sozinha.



Adeus

O bailar das tuas mãos acariciaram a minha face e meu rosto tornou-se suave.

Fomos versos e poemas.

Escutamos o silêncio dos nossos afagos, mas do ontem apenas o fantasma tétrico da minha própria desilusão.



Embriaguez

Não a conheço, mas estava bela e tristemente sorriu.
A neblina tornava-a mais reflexiva e ela caminhava em busca
de não ditos reencontros.
Mágoas e saudades eram essência da sua solidão.
Olhei-a desaparecer. Apenas a lembrança dos seus passos
reflete a sombra da sua fuga na memória de um semblante
calmo e angustiante.



Mutilação

Somos metades de mundos desencantados, buscando o início do nosso fim na brevidade de enigmático futuro.

Somos um instante de um ontem.

Somos um adeus sem saudade.



Contradição

Em pequenas brincadeiras, pode haver sentimento, mas às vezes um sentimento torna-se brincadeira formando o triste jogo da destruição.

É na bebida alcoólica que se encontra o sabor amargo ou não do teu existir em forma de ponto final.



Devaneio

*A desilusão é segurança de mais um fracasso.
Malditos sentimentos que sacramentam a vulgaridade do meu ego.
Répteis inúteis, ou não, valem mais do que a verdade da minha lógica.
Não quero lágrimas de arrependimento porque um dia amei.
Agora sem fuga ou receios, renego qualquer carinho humano, repudio o engano como racionalidade.
Volto ao abrigo da minha solidão e sempre a benção celeste será o sincero desencanto de ser só.*



Ânsia

Vejo-te refletida no brilho
de sublimes estrelas.
Quero em mim o renascer
das tuas esperanças.
Olho a minha vida,
Na alegria da morte.
Entre desencantos e ilusões,
Nada é a única
Solução para viver.



Invisibilidade

*As tuas mentiras constituem o que tu chamas virtudes.
É preciso a verdade do meu silêncio-ser-sofrimento que não
se verbaliza em palavras; e, como cristais, desvanece-se em
lágrimas diluindo a visão dos meus olhos que não mais te
veem.*



Intimidade

Não eram duas sombras, mas sim dois corpos que unidos, silenciosamente, encontravam o êxtase de sentimentos.

A realidade - essência de carícias - sacramentou aquele momento de carinhos.

Entre beijos, sussurros divinos.

Em cada abraço, o secreto afago da sublimidade de uma voz que em segredo dizia: amo! Amo! Amo-te!

Dois seres, dois corpos. Eles foram batizados na ternura de viver em busca de um destino - Felicidade.



Distância

Olhei-os, humanamente, agora é preciso que me veja na significância da minha própria vida.

Quero vê-los mais, porque o pecado do amor é não saber amar.



Desilusão

Um sofrimento acenou para fragilidade de uma lágrima cristalina.

Ele buscava na embriaguez a felicidade que não sentia.

Todos que o olhavam, envergonhados, sorriam de uma triste e real comédia.

Lentamente desapareceu, somente o silêncio balbuciava suas palavras.

Era ele uma multidão na singularidade de ser tão infeliz.



Silêncio

Eu a vi bela como plumas multicoloridas de uma ave criativa.
Olhei-a tentando buscar a minha paz que subdividida em
desenganos, se diluiu no olhar de alguém.

Eu me iludi com encantos.

Hoje nem mesmo as desgraças dos meus fracassos me aca-
lentam mais nesta vida que me suicida.

A humanidade eu a vejo e bem reconheço a face que por não
ser dinheiro, já não me conhece.

Quero a voz do silêncio, para que meus lábios não pronun-
ciem a mais hipócrita e infame de todas as palavras que se
chama: amor!



Anseio

Sou a ilusão
de uma vida.
A mentira de
uma verdade.
O desencanto de amar.
O silêncio de um grito
No desejo íntimo de um abraço.



Real visão

Entre farelos, vi porcos saciando-se com alimentos humanos.
Espojaram-se em um grande lamaçal, satisfeitos e cansados
adormeceram naquele fétido lugar, onde em putrefação
estava o amor.



Pretérito-Futuro

Como viajarei na caravana nômade deste tempo infindo, se na estrada do meu destino espero ordens soberanas de um outro amanhã?!

Na distância de cada adeus, há um olhar triste de saudade e desengano.

Juventude?! Não mais a tenho, mas a própria velhice acenará para o sofrimento de quem é adulto, o mistério de um dia ter sido criança.



Segredo

Somos o silêncio
de um beijo.
Nossas bocas sussurraram
segredos de carinhos.
Ansiedades nos escravizavam
ao íntimo suspense
de cada instante.
Entre afagos, fomos corpos delirantes.
Fomos um olhar de ternura a
guardar em nossa paz as
nossas secretas carícias.
Fomos o medo de
não ficarmos a sós, temendo assim
a solidão do depois.



Falecimento

Quero meu atestado de óbito.
Como direito, dá-me a minha desgraça.
Quero ver após tantos diagnósticos escritos, o registro do
meu cadáver nascimento.
Somente a decepção é-me amiga.
Sinto-me na expectativa de mais uma lágrima triste.
Quantas solidões compreendi, amando a verdade iludida de
mentiras.
Sou frágil porque entendo o silêncio angustiante de quem
chora.



Êxtase

Com teus delírios de carícias
reveste-me de erros para que
eu possa me fazer virtude.

Com teus beijos e anseios
tu me deixas ilúcida para que
possa ser a lógica apaixonante
do meu sentimento.

Entre sussurros de carinhos
reencontro em ti a fortaleza
angustiante do que somos: sozinhos!



Fatalidade

Escrever o quê?
Sentimentos e lágrimas
secretas que não chorei?
Para que indagar-me mais
perante a inspiração que se
desvanece na própria ilusão?
O se é-me o hoje, a certeza do nada
é-me o tudo do agora.
E finalmente quem sou?
A medíocre e crápula ignorância
de ter tentado ajudar-te.



Feto

Gera-se na medula - óssea de um cósmico - cadáver, a tétrica
célula - atômica da solidão humana.

E nos gemidos de partos latentes, o choro - grito de crianças
que morrendo vivem e vivendo morrem.

Na putrefação de ideais sólidos, única salvação da humani-
dade é a insignificância de existir para vida.



Destruição

Um ponto final na história da minha vida.

Que no universo haja um espaço proposital para cada crápula descrever-me como personagem vã, no cenário teatral deste meu destino infame.

Fui verme na vulgaridade dos teus afagos; micróbio perante a insensatez dos teus atos e hoje sou vírus racionalizado em busca inútil da humanidade.



Cadavérica Visão

Vi o meu corpo acompanhando o funeral da minha vida.
Hoje sou a ressurreição do meu nascimento na constituição
genética do nada.

Quero-te na imperfeição do sim e do não.

Vejo-te no amanhã que já se foi.

O ontem é-me agora o presente.

Desejo-te de um nada para um tudo;

Mas nunca te compreenderei na indecisão de um talvez.



Deserto

Quero mais silêncio
para minha voz que
a solidão calou;
Detenho-me perante o que fui
E paro diante o que serei
Aonde caminha a sombra
Dos meus ideais?
Em que cosmos sobrevive minha
estrutura física de ser-me humana?
Hoje sou fracasso,
Amanhã não mais verei semblantes
De hipócritas que me sorriem.
Oh! Destino antecipado de um
infame futuro, culpa-me dos
meus erros, mas retira do
meu rosto a máscara cansada
da covardia e mentiras.
Não quero a distância
de ternura e carinho.
Desejo dos meus anseios um
sacrário das minhas lembranças
de ti acariciantes.
Na invisibilidade do tempo,
há em mim cristalina saudade.
Somos nós a singularidade
De um sentimento que nos
delírios das carícias chamou-se: amor.



Metafísica

Plácida-Placenta cósmica
consumida por
uma energia planetária
Em qual universo-encéfalo
Está o teu corpo?
És por acaso monstruosidade ou
certeza-índole do nada?
São latentes em ti
partículas atômicas de moléculas misteriosas,
inexistente te recompões
nesta tua própria matéria
abandonada.
Um silêncio molecular
explode do teu íntimo-grito,
sílaba-protocolar de protestos
então; sem segredos definiste
que no renascer da sepultura
em que morreste a tua
vida, foi incosequência existencial
do teu próprio ser.



Ilusão

Ah! Ânsia que me acaricia
com o desejo escultural de
abraçar-te na paz silenciosa
dos meus beijos.
Cala a minha voz
Com a suavidade sacramental
dos teus lábios e respira
em mim o erotismo do teu existir.
Angustia-me afagar-te em lembranças
E eternizo-me no sonho de outro amanhã.



Lógica

Ah! Metáforas metafísicas que reivindicam os ideais antagônicos do meu próprio ser.

A sórdida solidão atormenta-me e minha vida é apenas a certeza de que sou a divisão do tudo na multiplicação do nada.



Inexorabilidade

Não! Advérbio coerente para um fantasma mitológico chamado sim.

Amo-me quando o ódio reveste-me com a lucidez de raciocínios vegetativos e vãos.

Odeio-me quando amo a insensatez dos meus sentimentos prostitutos pela vida.

Neste nascimento de morrer-me sou a constituição impura de existir, sob a sombra do nada que se agasalha entre vômito e escárnios de humanos iguais a mim.



Imaginação

*Musicados sons de violinos, perpetuam a imaginação de um paraíso sonhado pela sã consciência da própria utopia.
O refúgio das belezas inalteráveis ao tempo neutraliza-me na ausência de viver-me, memorizando na minha velhice o esquecimento de existir-me.*



Registro

Quando estiveres angustiada com as melancolias da vida, então acredita que a única certeza que tens é de fazeres de uma lágrima um sorriso e de um pranto vida.

Amigos se revestem com indumentárias fúnebres e às vezes luxuosas.

A essência - razão de viver é permanecer no nada, constituição da própria existência.

É o fim do meu pensamento em mim.

Digitar os meus sentimentos para quê?! Se todo o meu ego é formado apenas de uma lama que se batizou MARIA APARECIDA PINTO.



Eternidade

*Amedronto-me para recear-me.
A minha morte é-me vida.
Cansei os meus desejos e carinhos
para acariciar a própria solidão.
Na ausência de mim mesma,
haverá da minha consciência lúcida
resíduos da minha sincera escuridão.*



Angústia

Ah! Que indefinível silêncio aquece as noites intranquilas dos prantos encarcerados pelas lágrimas - metálicas de cada ser.

Neste deserto edificado, chamado cidade, infinitamente, a saudade eleva-me perante uma negritude solidão.

O calendário antecipou a data de mais um dia que já é passado.

Na vida, há várias representações de esforços, para aplausos momentâneos.

Eis-me imagem perante a dramaticidade histórica da humanidade.

No hoje-futuro sabes quem sou?!

A sombra de fracassos reinando no apogeu do nada.



Vã Império

Na lástima inconstante de cada lágrima, reflete a tua tétrica imagem.

Com a dramaticidade dos teus atos-insensatos-sensatos, pertencerás ao trono de vermes-burgueses-reais e somente tu, a indignidade, não serás vítima-animalesca da corruptibilidade humana-social.



Espelho

*Na sombra ciliar dos teus olhos,
Há reflexos de galáxias infindas.
As cátedras-metálicas do meu
excêntrico-metapsiquismo, são razões das
formas irreversíveis aos meus metamorfoseados-pensamentos
pelos sofrimentos e alegrias ilusórias.*



Sacrário

Quando uma secreta palavra escrever, então; não será segredo das minhas reflexões, porque todo pensamento escrito é a imagem de um mistério descoberto por alguém.

Leio-me e documento-me na morfologia dos meus erros - virtudes e nas minhas virtudes - defeitos.

Há, no meu existir, uma mísera estória sem história.



Inconsequência

O nada fez-me compreender a nunca importância de um
tudo que tanto se divide.

Tenho-me vida e sou existência morta.

Os meus desencantos multiplicam-se em fracassos.

Não louvei o cântico de uma mentira escrita.

Suicidei-me com o silêncio da verdade.

O bailar das minhas mãos está inerte.

As pálpebras dos meus olhos fecharam-se e renasci para
incógnitas.

Melhor o silêncio da justiça que me cala do que o grito da
injustiça que me mata.



Gênesis

Quem foi o sábio-anatômico que estudou o teu corpo-angustiante?!

Qual o psíquico-diagnóstico dos teus gemidos-inconformados e gritos-dolorosos que ecoam no silêncio-desprezo da inconsciência do amor?

No cosmos desvanecível das desilusões encantas a face-pálida da morte.

Em incógnita invisível-indivisível de um ódio-interno-eterno há sublimidade-humana de uma científica-ignorância.



Miserabilidade

Que triste afago!

O ódio suicidou os meus sentimentos.

Não amo racionais que me geraram por um
acaso-orgasmo-momentâneo.

O mórbido fantasma da decepção é-me vida-vã.

Felicidade perde-se na ilusão de afetos.

Evolução-secular corrompe a sensatez de glória-justiça.

O cotidiano é reminiscência de um destino indefinível
perante os meus ideais, constituição progressista do nada.



Metamorfose

A sombra ciliar dos meus olhos percorre galáxias de um firmamento utópico e vão.

No martírio do hoje, meu corpo fora destruído por uma síncope social.

No túmulo de secretas trevas, jaz a minha cósmica visão, eternidade do meu silêncio incompreendido.



Identificação

Sou um beijo nunca sentido
Sou abraço um dia abraçado
Sou um corpo nunca acariciado
Sou um rosto a ser beijado
Sou afagos entre carinhos
Sou uma parte de ti
Para seres uma parte de mim.

Este meu poema foi musicado pela violonista e musicista
Magna Cely Cavalcanti (*in memoriam*)



Retrato

Eis a fé
Eis o frio
Eis o fato
Eis o pranto, planto, lamento
plantações verdejantes outrora
um vaqueiro sem fome, sem glória, o aboio
de um grito sem ordem era o encanto
de um canto mensagem
hoje combates debates a seca
fetos, filhos, cadáveres e mártires
só cactus é a esperança
de uma sombra-justiça
a tétrica-região
terra já infértil
a tátil.

Este meu poema foi musicado pelo Musicista Wilton Soares



Realidade

Há protestos contra canto livre
Liberdade triste
Sem direito algum
Um homem existe
Mas o homem que
Proclama a verdade
É massacrado pela sociedade
Cada palavra justa
Tem uma sina
É a guilhotina do poder
Da nação,
Mas há coragem
Contra força bruta
Da ditadura,
Na multidão um exilado
Outro condenado
E torturado,
Na lucidez de raciocínio
Pede extermínio
Da classe burguesa,
No solo pátria querem
Diminuir conflitos,
Calarem os gritos
Com sensatez
Praticando a Racional Justiça
Sem estupidez.

Musicado por Joemir Guimarães



Inconsequência

O nada me fez compreender a nunca importância de um
tudo que tanto se divide.

Tenho-me vida e sou existência morta.

Os meus desencantos multiplicam-se em fracasso.

Não louvei o cântico de uma mentira escrita.

Suicidei-me com o silêncio da verdade.

O bailar das minhas mãos está inerte.

As pálpebras dos meus olhos fecharam-se e renasci para
incógnitas.

Melhor o silêncio da justiça que cala do que o grito da injustiça
que mata.

(Musicado pela autora Aparecida Pinto)



Sobre o livro

Foto da capa	Maria Aparecida Pinto
Revisão Linguística e Normalização	Elizete Amaral de Medeiros
Designer da capa	Erick Ferreira Cabral
Projeto Gráfico e Editoração	Jéfferson Ricardo Lima Araujo Nunes
Tipologia Utilizada	Gabriola 14/ 16 pt

A Arte de escrever os próprios sentimentos é uma virtude a qual transforma o silêncio das letras e palavras em belas e quase indefiníveis histórias literárias, somente compreendidas pelos que bem sabem desvendar segredos d'alma. Perante tantos sonhos desfeitos, surge como ave de fênix a realização de um ideal: Liberdade ou Escravidão.